

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 10 – 14.05.2015

Assunto principal: A criatividade normal e patológica infantil com a lenda de Peter Pan.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, Cap. 8 – O Quatérnio Primário, pp 169 a 182.

Boa tarde a todos.

Hoje é a nossa 10ª aula e continuaremos o estudo do quatérnio primário com a integração progressiva do Arquétipo Matriarcal e do Arquétipo Patriarcal.

Como vimos na aula passada com o filme *O Exorcista*, trata-se de uma variante do Complexo de Édipo, formado no Quatérnio Primário da personalidade da jovem Regan no início da sua adolescência, e que é intensamente patológica. A fixação tem início com a defesa neurótica e se agrava até atingir a defesa psicótica, que se apresenta dentro de um surto muito grave. Vimos como o despreparo emocional da menina não lhe permitiu construir uma **Persona** para acolher **sua função estruturante sexual**, ativada pela percepção do que sua mãe tem com o namorado Burke. **Sua função estruturante da agressividade**, ativada pela vivência de rejeição e de abandono do pai também não encontrou uma canalização apropriada. **Assim despreparadas, estas funções foram fixadas na Sombra e irromperam na psicose.**

Hoje, nós vamos ver continuar vendo o quatérnio primário, dentro da normalidade e da patologia, na história de Peter Pan, o menino que não queria crescer. O livro foi publicado em 1911, por James Mathew Barrie. Sua inspiração surgiu enquanto contava histórias de piratas e aventuras mágicas, para os cinco filhos de sua amiga Sylvia Llewelyn Davies. Eles eram: George, Jack, Peter, Michael e Nicholas. Levada ao teatro em Londres em 1904, a peça se tornou um sucesso espetacular, cujo enredo perdura até hoje na Psicologia para descrever muitos eventos no desenvolvimento psicológico das crianças.

Esse sucesso, a meu ver, ocorreu pela representação teatral do Arquétipo Matriarcal, tão reprimido e desmoralizado na cultura pela dominância patriarcal, durante os dez mil anos do desenvolvimento da civilização, às vésperas das duas grandes guerras do século vinte.

Como já mencionei, o Arquétipo Matriarcal é dominante no desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos de idade. A partir daí, com a aquisição da linguagem, tem início uma grande abstração e a ampliação da mente que, dentro da cultura ocidental, é muito propícia à organização psíquica coordenada pelo Arquétipo Patriarcal no processo de socialização.

A terceira etapa arquetípica do desenvolvimento psicológico, que vai dos dois aos 12 anos de idade, é caracterizada pela relação entre o Arquétipo Matriarcal e o Arquétipo Patriarcal. Dependendo da família, da cultura e do momento histórico, existe um equilíbrio entre os dois arquétipos, ou uma dominância matriarcal ou patriarcal o que pode levar a fixações de maior ou menor gravidade.

A tradição patriarcal dominante na cultura ocidental é tão grande, que a psicologia, a pedagogia e a sociologia reduziram a exuberância matriarcal à mentalidade primitiva, ao complexo materno e à infância e, depois a consideraram ultrapassada junto com a fase oral de Freud ou sensório-motor de Piaget, na dimensão individual e ao início da civilização, na dimensão coletiva.

A obra de Winnikott é um oásis nessa tradição psicológica, pelo fato de valorizar a continuação da exuberância matriarcal na criança por intermédio da dimensão do brincar. No entanto, a dominância patriarcal em nossa cultura é de tal ordem que a tendência é ocupar o tempo livre das crianças com um sem número de aulas e atividades diversas, que terminam por sufocar a espontaneidade do brincar e, com ela, o Arquétipo Matriarcal. Há mesmo pais e escolas que se preocupam, já no ensino fundamental I, em substituir o prazer, o brincar e a espontaneidade da criança por aparelhos de comunicação altamente sofisticados, com o preparo obsessivo para o vestibular...

É dentro dessa mentalidade patriarcal dominante que se iniciou o século vinte que levou à carnificina das duas grandes guerras mundiais de 1914 a 1918 e de 1939 a 1945. Nada mais extraordinário e genial, então, que a peça *Peter Pan*, o menino que não queria crescer, fosse estreada com um retumbante sucesso em Londres, em 1904. As grandes obras de arte antevêm o futuro. Assim foi como se Peter Pan lançasse um protesto diante da dominância patriarcal, que propiciaria as duas grandes guerras e, ao mesmo tempo, antecipasse a necessidade de resgate do Arquétipo Matriarcal, que seria desencadeada em Woodstock mais de 60 anos depois. Seu protesto foi representado pelo repúdio ao mundo adulto (dominância patriarcal), sobretudo por ele não acreditar

mais nas fadas (dominância matriarcal). Sua antevisão de Woodstock foi ilustrada pelo culto ao mundo da fantasia, que, como sabemos é uma expressão exuberante do Arquétipo Matriarcal.

Peter Pan foge de casa depois de ouvir uma conversa de seus pais “planejando o seu futuro”. Será que já era um programa para ele começar a se preparar para o vestibular?

Peter Pan se alia à fada Sininho, cujo pozinho milagroso dá à Wendy, John e Miguel, o dom de voar. Esse pozinho, junto com o pó de pirlimpimpim de Monteiro Lobato, foi interpretado por muitos como sendo a cocaína. Sabemos que as substâncias psicodélicas ativam a fantasia e essa é uma das principais razões das drogadições. O uso das drogas em si como o álcool ativa a fantasia, mas não é necessariamente patológico. O seu uso dentro da patologia e nas drogadições já é uma consequência da aridez da dominância patriarcal que tornou o narcotráfico tão fascinante, apesar de criminoso e sombrio, por ser uma maneira de buscar a vivência matriarcal. O importante é vermos que a fantasia de Peter Pan leva as crianças para a “terra do nunca”, para a Sombra da civilização industrial onde vivem as fadas, os índios e os piratas, com o terrível Capitão Gancho, o inimigo ferrenho de Peter Pan, sempre perseguido pelo implacável crocodilo.

Peter Pan expressa o Arquétipo da Criança e a função estruturante da imaginação, dentro da amplidão sensual, fantasiosa e criativa do Arquétipo Matriarcal. Ele está, porém, na Sombra, na Terra do Nunca, dissociado e longe da humanidade para não se integrar na sociedade. Por isso, não pode crescer e ultrapassar a infância (0-12 anos).

Pelo lado normal, Peter Pan representa a exuberância matriarcal e toda a criatividade do Arquétipo da Criança. Pelo lado das defesas e da Sombra, ele próprio se confessa um órfão social, condenado à marginalidade, ou seja, a uma fixação defensiva de abandono na Sombra, que estagna seu desenvolvimento em direção à maturidade e o encaminha para a delinquência.

O aspecto defensivo da marginalização, na Terra do Nunca, ilustra a “neurose do *puer* eterno”, que Marie Louise von Franz descreveu na personalidade de Saint-Exupéry, com sua fixação matriarcal, sua adição à cocaína e sua vocação de voar, que terminou tragicamente quando seu avião foi abatido na guerra (1944). O Pequeno Príncipe nunca pode realmente crescer.

James Hillmann, em sua extensa obra, estudou também muito os arquétipos do *puer* e do *senex*, na sua interação criativa e defensiva.

O símbolo de Peter Pan nos leva a elaborar o encontro entre o Arquétipo Matriarcal e o Patriarcal, dos dois aos doze anos, à dificuldade de sua articulação criativa e aos quadros patológicos, inclusive às condutas de risco e às drogadições, que aqui se

preparam para eclodir após os doze anos, na quarta fase arquetípica, que é a adolescência (12 aos 20 anos).

Ao reconhecer a importância do quaternio primário normal e do Arquétipo Matriarcal durante a vida, a Psicologia Simbólica Junguiana ressalta a espontaneidade, a criatividade (o brincar) e o prazer matriarcal da criança durante sua socialização (2 a 12 anos). Eles serão essenciais para o desenvolvimento dos arquétipos da Anima, do Animus, do Herói e da Alteridade, a partir da adolescência.

A finalidade estruturante das três primeiras fases arquetípicas é a integração da sensualidade matriarcal e da organização patriarcal na posição passiva, na qual, o Ego se forma principalmente pela integração passiva de significados oriundos da posição ativa dos cuidadores da criança e de suas reações a eles. A Sombra que se forma nesse processo é de grande importância porque inclui símbolos e funções estruturantes que compõem a base da personalidade.

Falando em Sombra, para terminar, uma palavra sobre o Capitão Gancho, comandante dos piratas, que representam a sombra da armada britânica durante o seu domínio dos sete mares. Devemos salientar que o fato de sua mão amputada ter sido engolida por um crocodilo, que também engoliu um relógio, é muito ilustrativa das fixações que vão formar a Sombra. A mão assassina do pirata está fixada e dissociada na Sombra, com a compulsão de repetição, sendo o crocodilo aqui um símbolo do dragão primevo, o ouroboros. Ele engoliu o relógio patriarcal, que está marcando o tempo, enquanto persegue o Capitão Gancho, para um dia engolir-lo e reanexá-lo, junto com o relógio, à criatividade do Self, curando a fixação por ele representada, ou seja, a Sombra que representa a pirataria.

Durante o tempo da vida, a Sombra pode ser elaborada pela Consciência (Sombra circunstancial) ou crescer e assimilar cada vez mais símbolos (Sombra cronificada). Isto é muito frequente no caso da defesa psicopática delinquencial que, frequentemente, contamina o Self de maneira crescente a ponto de se transformar na **personalidade psicopática**. Infelizmente, esta é uma das consequências dos sistemas carcerários deficientes como os que temos no Brasil.

Na próxima aula, estudaremos **a função estruturante da linguagem**, incluindo a diferença arquetípica entre a prosa, a poesia e o humor.

Texto recomendado: Psicologia Simbólica Junguiana, Cap. 6 – A relação histórica da polaridade matriarcal-patriarcal, pp 129 a 140 e o capítulo 11, O Arquétipo da Alteridade, pp. 215 a 236.

Um abraço a todos e até a próxima quinta-feira,
Byington